

CONTOS, MINICONTOS E POEMAS
VOL. VII



A CASA DA BRUXA



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-66655-6
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO



CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO



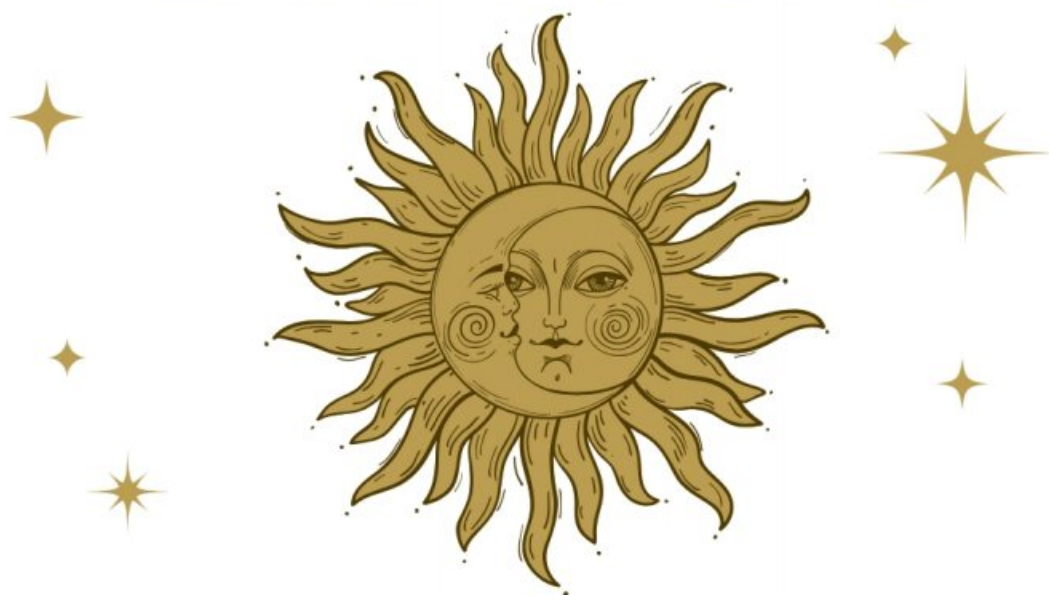
A BRUXA LELÉ DA CUCA, POR ÉRICA DUELE ZINATO, PÁG. 05
MORADA DO SENTIR, POR GABRIELA GONÇALVES FERREIRA, PÁG. 11
A MAGIA NO SILENCIAR, POR GABRIELA GONÇALVES FERREIRA, PÁG. 17
MONSTROS PODEM DANÇAR, POR GABRIELA GONÇALVES FERREIRA, PÁG. 19
E SE O AR NOS LEVAR...?, POR GABRIELA GONÇALVES FERREIRA, PÁG. 21
A BRUXINHA EM NÓS, POR GABRIELA GONÇALVES FERREIRA, PÁG. 24
DESOVA, POR LUIZ ROSA, PÁG. 26
A BRUXA INTERIOR, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 28
ALMA DE LUZ, POR NEYREID MALTAURO, PÁG. 30
UM PEQUENO DRAMA NO MONTE KAMURIKI, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 33
INADEQUADO, POR SACERDOTISA AVVA, PÁG. 45
INCITAR, POR SACERDOTIZA AVVA, PÁG. 48
POR FALAR EM BRUXAS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 51
TOLOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 53
NUNCA DESAPARECEM, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 55
IMPERDOÁVEIS BRUXOS EM NÓS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 57
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 59



CONTOS, MINICONTOS E POEMAS
VOL. VII



A CASA DA BRUXA



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

APRESENTAMOS O CONTO

A BRUXA LELÉ DA CUCA

POR ÉRICA DUELE ZINATO



Érica Aparecida Duele de Avelar Zinato, nasceu no dia 05/03/1988 em Rio Casca-MG, mora atualmente em Patos de Minas-MG. É professora da rede estadual de Minas Gerais. É escritora do livro "Histórias de Famílias". Participou como coautora da Antologia "Viva Poesia 2024", da editora Lura com o seu poema "Casa de passarinho" na Bienal do Livro 2025, no Rio de Janeiro. Ela se descobriu como poetisa, levando a arte de encantar os corações através das rimas para todas as idades. Participou da Antologia E-BOOK Poemas sobre o tempo, com o seu poema "O dono do tempo" da Revista Conexão Literatura. E tem novos projetos na literatura infantojuvenil.

Era uma vez, uma bruxa diferente das outras, não morava na floresta e nem no castelo, mas numa fazenda. É a bruxa Lelé da Cuca que tinha uma mania estranha, colecionava coisas que ela achava bonito.

Na fazenda da bruxa havia horta, jardim, plantação de girassol, espantalho e muitos animais, parecia um zoológico: avestruz, pavão, porco-espinho, capivara, hipopótamo, búfalo, unicórnios, lobisomem, mula-sem-cabeça e galinhas-d'angola que cantavam o dia inteiro “tô fraco, tô fraco”.

Na casa da Lelé havia nas paredes muitos quadros pintados de seus parentes bruxos. Tinha também relógios cucos que saíam de hora em hora para dizer “Cuco- Cuco”. O engraçado era que cada relógio marcava uma hora diferente, faziam uma sinfonia de cucos.

Havia muitos marimbondos que ficavam voando, fazendo barulho estranho, carregando barro na boca e nas patinhas dianteiras para construírem suas casinhas nos móveis.

A bruxinha tinha uma coleção de pedrinhas brilhantes e as guardava dentro de um baú de tesouros, trancado por sete chaves para ninguém mexer.

Moravam também na casa os ratinhos que faziam todo o serviço da fazenda. Eles eram seus criados e amigos. Lelé chamava cada um pelo nome e os ordenava uma tarefa:

— Zizi, vai lavar o banheiro!

— Tuti- Fruti, vai fazer almoço no caldeirão, estou com muita fome.

— Zoyo, vai buscar água no rio, estou com sede.

— Dadá, sobe no telhado, veja onde está a goteira.

— Quequé, vai dar comida aos animais da fazenda.

Lelé passava a maior parte do tempo deitada em seu sofá verde assistindo televisão e escolhendo comida nos livros de receitas da época de mil novecentos e bolinhas.

— Deixe-me ver, hoje vou comer urubu à parmegiana, feijoada e salada crocante. É de lambar os bigodes dos ratos! Tuti-Fruti presta atenção que vou ler:

Receita: Urubu à Parmegiana.

Ingredientes: Urubu, alho poró, farinha de tanajura e óleo de baleia.

Modo de fazer: Primeiro, de preferência, compre um urubu bem gordo já abatido e depenado, igual aos frangos do supermercado. Ou cace um urubu na floresta e faça o preparo, depene-o em uma bacia com água fervendo. Em seguida corte o urubu em pedaços separando as coxas, as asas, o peito, etc. e tempere com alho poró. Depois passe as partes na farinha de tanajura e frite no óleo de tubarão.

Receita: Feijoada

Ingredientes: 1kg de feijão preto, língua de sapo, cabeça de piranha, rabo de jacaré, banana verde, açafrão, sal, pimenta malagueta

Modo de fazer: Cozinhe todos os ingredientes no caldeirão.

Receita: salada crocante

Ingredientes: aspargos, jiló, rabanete, cactos, cebola, pimentão, 1 xícara de leite de mula e pelo de aranha.

Modo de preparo: corte todos os ingredientes em pedacinhos e tempere com molho branco feito de leite de mula e uma pitada de pelo de aranha, só para dar um gostinho melhor.

Tuti-Fruti bate o sininho avisando que a comida já está na mesa e todos os ratinhos correm para almoçar com a Lelé. O cheiro está muito bom vindo da cozinha, a mesa está bem bonita, com flores pretas, as preferidas da bruxa.

Lelé dá uma mordida na coxa de peru e o inesperado acontece: um dente quebrou. Lelé fica desesperada. O que vai fazer? O jeito é ir ao consultório do doutor Carneiro!

Lelé ligou para o consultório do Doutor Carneiro. Ainda bem que ela conseguiu uma vaga hoje. Tem que se apressar para arrumar para ir à cidade.

Buscou o vestido de bolinha no varal, era o seu favorito para sair de casa. Colocou meias coloridas, botas douradas e chapéu pontudo dourado para combinar, penteou seus cabelos azuis e passou bastante spray, se perfumou com essência de gambá. Está pronta e linda!

Lelé chamou Zoyo, seu ratinho mordomo, para rovidenciar a carroça.

Passando alguns minutos, chegaram dois unicórnios puxando a carroça, eles têm as crinas brilhantes rosa e lilás e os chifres brilham no escuro. São super-rápidos e inteligentes. Fazem a carroça da bruxa voar.

Durante o passeio, Lelé viu muitas coisas bonitas pelo caminho. E ficava admirando cada uma delas. E aquela sua mania de pegar coisas era assustadora.

— Nossa que linda! Uma pedrinha verde! Vou levar para minha coleção! Vai lá Dadá!

— Veja isso Tuti-Fruti! Um ovo de dinossauro, também vou levar.

— Zizi, pega aquele pintinho amarelinho! Coitadinho, está com bico quebrado!

Mais adiante viu um filhote de arara com asa quebrada e quase chegando na cidade, viu um macaco prego preso na cerca de arame e Tuti-Fruti o resgatou!

E quando já estava chegando perto do consultório do seu dentista, viu um cachorrinho magrela abandonado dentro de uma lixeira. Adivinha?

Ao sair do consultório Lelé abriu aquele sorrisão quando avistou um lindo gatinho xadrez magricela. Ela achou a coisa mais linda do mundo, mas seus criados disseram:

— NÃOOO, esse não!

— Por que não? Olha esses olhinhos, tão meigo, com pelo macio todo colorido, nunca vi um bichinho tão lindo como este.

Lelé não resistiu. Pegou o gatinho xadrez e o levou em seu colo enrolado no cachecol. Quando a bruxa chegou em casa, ordenou aos seus criados que organizassem os animais no celeiro, menos o gatinho que ficou dentro de casa.

Já estava anoitecendo, Lelé arrumou a cama do gato perto do sofá, deu leite, ração e até um nome, Maurício.

Os ratinhos todos estavam com medo desse novo inquilino, que só comia e dormia naquela casa, e foram reclamar com a bruxa Lelé.

— Por que Maurício não trabalha como nós? Ele é muito folgado! Todos devem trabalhar!

— Fiquem calmos, meu amiguinhos! Não vê que Maurício é recém-chegado nessa casa. Ele é da cidade, não está acostumado com coisas de fazenda.

— Lelé, você deve estar Lelé da Cuca mesmo. Onde já se viu um gato na casa dos ratos? Isso não vai dar certo.

— Vai sim! Aqui todos são bem recebidos em minha casa. Vocês sabem que gosto muito dos animais, é minha paixão! Maurício não vai fazer nada com vocês. Não é mesmo Maurício?

Naquela noite mesmo não concordando com a bruxa, os ratos desconfiados foram dormir na cozinha, como se diz um olho no gato e outro também.

De madrugada, o gato andou devagarinho rumo aos ratos dormindo, deu um pulo e disse:

— Agora vocês não me escapam! Falaram de mim pelas minhas costas, queriam desfazer de mim? Eu sou o rei dessa casa e vocês vão me obedecer senão vou comer todos!

Os ratos começaram a gritar pedindo socorro e Lelé levantou da cama assustada com o barulho. Maurício já estava com um rato na boca e os outros desesperados tentando bater nele com a vassoura e puxando seu rabo para soltar o mordomo Zoyo.

A Bruxa perguntou:

— O que está acontecendo aqui? Não acredito Maurício! Como ousa?

Maurício cospe o rato da boca e sem graça diz:

— São esses ratos mentirosos, me bateram!

Os ratos disseram: — Mentira dele Lelé, ele veio aqui comer a gente! Não fizemos nada!

Lelé ficou muito arrependida de ter trazido o gato para dentro de casa. Pegou sua varinha mágica e zap, transformou Maurício em um rato, pegou-o pelo rabo e jogou-o pela janela. Ele caiu num monte de palha de milho e os animais da fazenda que estavam dormindo naquela hora, acordaram e começaram a fazer barulho.

A bruxa disse:

— Como fui ingênua. Perdoam-me meus amiguinhos, eu estava cega em colocar este gato dentro de casa. Da próxima vez terei mais cuidado! E gatos nunca mais!

Os ratinhos acenavam as patas para o gato-rato e disseram:

— Cuidado Mauricinho, aí fora é perigoso nesse escuro. Costumam voar no telhado algumas corujas. Se você tiver sorte sobreviverá até amanhã. Adeus seu ratinho de meia tigela! Some daqui!

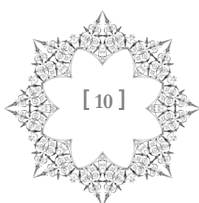
No outro dia, de amanhã cedinho, Maurício bateu na porta da casa da Lelé da Cuca, pedindo perdão:

— Perdoa-me Lelé, eu fui muito mau com seus criados! Agora que estou na pele de um rato, sei como é difícil sobreviver aqui fora. Perdoa-me. Deixe eu ser como um de seus criados. Eu prometo que nunca mais serei malvado com ninguém.

Lelé ficou com pena do gato-rato e lhe deu uma nova chance:

— Você até pode ficar, mas como castigo nunca o transformarei em um gato novamente. Para o bem de todos!

Assim Lelé aprendeu uma lição, não deve colocar qualquer um dentro de casa por mais bonitinho e inofensivo seja. Sempre é bom ouvir a opinião dos amigos antes de tomar decisões por impulso. Mas a sua missão de resgatar os animais, isso sim, é bonito de se ver, apesar de seu apetite estranho, Lelé tem bom coração.



APRESENTAMOS O CONTO

MORADA DO SENTIR

POR GABRIELA GONÇALVES FERREIRA



Gabriela Gonçalves Ferreira é escritora, coach, facilitadora, formadora e consultora, especializada em coaching com foco na abordagem psicossintética. Autora dos livros *Be Aware* e *O Farol em Cada Um de Nós*, explora a jornada do autoconhecimento e a conexão com a consciência emocional. Apaixonada pelo mar e pela dança, integra sensibilidade artística e profundidade terapêutica em seu trabalho, promovendo transformações pessoais e o despertar do potencial humano. Para conhecer mais sobre seu trabalho, acesse o Instagram: [@beawaremagicbook](https://www.instagram.com/beawaremagicbook).

Um dia a menininha passeava e cuidava do seu jardim. Ela decidiu ir passear na floresta, seguia pela mata fechada, sentindo o frio das árvores e o sol filtrado pelas folhas, sem nunca tocar a pele diretamente.

De um momento para o outro tudo ficou escuro e uma névoa veio e cobriu toda a floresta. A menininha já não via mais nada, apenas aquele branco estranho da neblina. Ela não sabia se era melhor ficar parada ou se mover - as duas opções pareciam perigosas...e foi quando ela se lembrou de um poder muito especial que tinha.

A pequena menina tinha o poder de se transportar até um lugar seguro. Ela não escolhia o lugar, só pedia para ser protegida e era transportada a um lugar em segurança quando precisasse.

Então o fez, pediu essa ajuda para estar em segurança. E quando se deu conta estava dentro de uma caverna úmida, escura e fria, mas ali se sentia pelo menos “resguardada” dos perigos inesperados da floresta.

Poderia estar ali até se sentir segura para voltar ao seu jardim.

Quando foi explorar a caverna se deu conta que essa tinha apenas uma saída, uma enorme “janela” no meio da rocha de uma falésia. Ao olhar via somente a imensidão azul que se confundia entre o céu e o mar.

Ela sabia que não poderia sair dali a pé e também não sabia voar. E quando tentou usar o seu superpoder, parecia não funcionar, pois ela continuava ali...será então que estaria em um lugar seguro? Como poderia saber?

Não tinha como perguntar, mas ela sabia que o seu poder não falhava, sempre a levava para onde estaria segura, sempre a mantinha em proteção. Então talvez ali fosse um lugar seguro, pelo menos por enquanto.

As horas foram passando e o céu foi se tornando escuro, as estrelas refletiam sob a água, essa imagem a lembrava que as estrelas são o porto seguro da escuridão. Ela estava cansada, mas não queria deitar no chão frio e molhado.

Foi quando a menininha se apercebeu de algo no canto esquerdo da escura caverna.

Foi se aproximando e quando estava super perto se deu conta de que era a teia de uma aranha, mas não qualquer teia, uma teia gigante.

Quem teria construído essa teia? Ela estava ali a horas e não tinha visto nenhuma aranha.

Aquela teia parecia confortável e aconchegante. Então a pequena menina ali se deitou para repousar, para se permitir recuperar daquela aventura, daquele momento de perigo que viveu na floresta.

Durante a noite ela sonhou que a aranha estava ali ao seu lado aumentando a sua teia, mas quando acordava e abria os olhos não via nenhum ser vivo ali com ela e voltava a dormir. Quando já era dia, ela se deu conta que o seu pulso estava preso na teia - mas quem teria feito aquilo? Como isso poderia ter acontecido se ela estava sozinha na caverna?

E assim foram se passando os dias na caverna.

Durante o dia ela se liberava daquela teia e ia ver o mar. À noite voltava para a teia para dormir e continuava a sonhar com a tal aranha... E todas as manhãs uma nova parte de seu corpo estava presa.

Primeiro tinha sido o seu pulso esquerdo, depois o direito, alguns dias depois os tornozelos.

Mas a cada luz do sol ela saía da teia, se soltava dali e depois a noite se entregava de novo àquele porto seguro que pouco a pouco a prendeva.

Até um dia no qual ela já não conseguia mais se soltar, estava presa pela barriga, na altura do plexo solar...e ali era como se ela já não tivesse forças para se soltar e quanto mais se movia mais a teia a apertava e mais presa ela ficava.

E a cada vez que tentava usar o seu superpoder nada acontecia.

Como era possível a teia de aranha que a prendia ser um lugar seguro? Como ela poderia estar a salvo sem poder se mover?

E a cada dia ela se sentia mais presa, sentia a teia que a cobria. Sentia os braços, que já não mexiam, as pernas que perdiam força...e assim foi até o momento em que o ar começou a faltar.

A teia estava sufocando a menininha, estava esmagando ela com muita força. Ela já não sabia como lutar e ao mesmo tempo não podia acreditar que ali era seguro para se estar.

Como o seu superpoder poderia falhar e a abandonar?

Ela se via com medo de morrer, ela lutava — e quanto mais lutava, mais se emaranhava.

Depois de muitos dias e noites sem conseguir dormir — pois se ela ficasse acordada a teia não crescia — ela não aguentou de sono e acabou por adormecer. Caiu em um sono profundo, depois de tanto lutar o seu corpo pedia arrego e se entregava aquela teia. Estava tão cansada que naquela noite nem parecia sonhar, só sentia o seu corpo relaxar e se soltar mesmo estando fisicamente preso.

Os dias foram passando e a menininha não conseguia acordar, ela estava em um sono profundo, exausta de tanto lutar para sair daquele lugar. Ficava aflita com a sensação de não despertar e os seus sonhos não tinham nada, era como se até nos sonhos comesse a faltar o ar. Como era possível sentir-se sufocada enquanto estava a sonhar? O que acontecia consigo?

Já não sentia o seu corpo físico, sentia algo leve, a dor parecia estar comendo tudo, levando cada parte do seu corpo e construindo uma espécie de casulo.

E mesmo dormindo ela continuava a tentar usar o seu superpoder que continuava a falhar.

Quando o casulo se fechou ela perdeu tudo, até o ar, era como se não estivesse presente mesmo estando lá. Será que ela tinha enlouquecido e estava só a sonhar?

Mas isso não era um sonho e sim um enorme pesadelo. E lá ela seguia sem conseguir chorar por fisicamente não estar lá, mas sentindo a dor a corroer parte do ar que restava dentro do casulo.

E essa dor crescia e crescia, se transformava de tanto ter comido partes da menina.

A pequena não conseguia entender quem ela era. Era ela a dor, o casulo, o ar? Ou ela já nem existia mais?

Como ela poderia se libertar se já não estava lá? Como poderia estar presa sem existir? Que prisão doida era essa? Onde tudo isso a estava levando?

E se o seu superpoder estivesse funcionando e ali fosse realmente o lugar mais seguro?

Como a dor e a morte poderiam ser seguras? O que tinha de seguro nisso?

Ela não entendia, ela continuava a pensar para não sentir. Porém chegou um momento no qual a dor chegou até a sua mente, começou a invadi-la e começou a consumi-la e a destruí-la...

Como ela poderia continuar sentindo sem ter um corpo físico e sem ter uma mente?

Era um sentir insuportável, mas esse sentir era o único sinal de que ela estava viva. Porque sentia sabia que alguma parte de si ainda deveria existir.

Se passaram dias e noites...

O sol trazia luz e mudava a cor do casulo e trazia alimento àquele casulo. As estrelas traziam a pausa para integrar e traziam um porto seguro na escuridão.

Aquele casulo crescia e pouco a pouco a sua “casca” começava a ficar mais fina, era como se estivesse dando espaço para o que dentro dele crescia. Até que um dia a sua casca estava tão fina que já não suportava a força e pressão do que estava dentro que continuava a crescer e expandir.

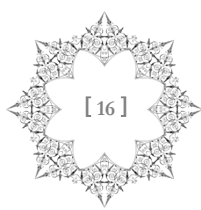
E foi então que de dentro do casulo, sob a luz do sol, saiu uma linda borboleta, suas asas eram fortes e com cores vivas. Dentro de si carregava uma leveza que a permitia voar. E no bater das asas percebia que poderia sair da caverna e ir em direção ao mar mesmo não sabendo onde isso a poderia levar.

Sua beleza e leveza escondiam uma dor profunda. Dor que na verdade tinha sido o seu início, a borboleta surgiu da dor que se alimentou do corpo físico, mental e emocional da menininha que sem forças se tinha entregado à dor.

A menininha já não estava lá, mas ela sentia tudo, sentia os ventos que chegavam até as asas da borboleta, sentia o sol que levava calor ao voo. Era como se ela existisse através da borboleta, mas não fosse ela... a menininha tinha se tornado apenas sentir.

E esse sentir dava vida a borboleta que voava impulsionada por uma força de uma alma que morreu de tanto sentir dor. De tanto sentir dor essa alma se sublimou em algo que pudesse deixar voar o que a prendia.

E quem sabe se um dia esse voo poderá levar a borboleta até o jardim de onde a menininha tinha partido.



APRESENTAMOS O POEMA

A MAGIA NO SILENCIAR POR GABRIELA GONÇALVES FERREIRA



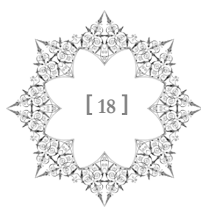
Gabriela Gonçalves Ferreira é escritora, coach, facilitadora, formadora e consultora, especializada em coaching com foco na abordagem psicossintética. Autora dos livros *Be Aware* e *O Farol em Cada Um de Nós*, explora a jornada do autoconhecimento e a conexão com a consciência emocional. Apaixonada pelo mar e pela dança, integra sensibilidade artística e profundidade terapêutica em seu trabalho, promovendo transformações pessoais e o despertar do potencial humano. Para conhecer mais sobre seu trabalho, acesse o Instagram: [@beawaremagicbook](https://www.instagram.com/beawaremagicbook).

A magia do silêncio
O encanto da lua
O mistério das águas

A magia da mulher
O encanto da alma
O mistério do coração

O simples pertencer
A entrega ao silêncio
A magia no silêncio

O luar desperta
O olhar conecta
O silenciar acolhe



APRESENTAMOS O POEMA

MONSTROS PODEM DANÇAR

POR GABRIELA GONÇALVES FERREIRA



Gabriela Gonçalves Ferreira é escritora, coach, facilitadora, formadora e consultora, especializada em coaching com foco na abordagem psicossintética. Autora dos livros *Be Aware* e *O Farol em Cada Um de Nós*, explora a jornada do autoconhecimento e a conexão com a consciência emocional. Apaixonada pelo mar e pela dança, integra sensibilidade artística e profundidade terapêutica em seu trabalho, promovendo transformações pessoais e o despertar do potencial humano. Para conhecer mais sobre seu trabalho, acesse o Instagram: [@beawaremagicbook](https://www.instagram.com/beawaremagicbook).

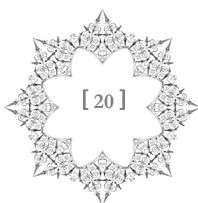
Não é sobre deixar as inseguranças e os medos de lado
Mas sim levar esses monstrinhos ao nosso lado
A cada passo, reconhecê-los ali
Ouvir o que eles dizem, o que precisam de nós

Afinal, toda bruxa tem seus monstros de estimação
Alguns mordem
Outros cospem fogo
E ainda há os que gostam é de brincar

Nessas brincadeiras, por vezes, nos assustam um pouco
Tem dias que queremos fugir deles
Mas nossa bruxinha vê, nesses monstrinhos, magia e encanto
E isso nos faz entrar nessa dança

Que sob a luz da lua cheia
Nos ensina novos feitiços
E nos lembra que toda mulher também é bruxa

Com seu despertar
Sua magia convida os monstros a dançar
E os traz para o mundo sob um novo olhar
Ao se atrever a perguntar:
Monstrinho, o que vens me contar? O que precisas para podermos juntos dançar?



APRESENTAMOS O POEMA

E SE O AR NOS LEVAR...?
POR GABRIELA GONÇALVES FERREIRA



Gabriela Gonçalves Ferreira é escritora, coach, facilitadora, formadora e consultora, especializada em coaching com foco na abordagem psicossintética. Autora dos livros *Be Aware* e *O Farol em Cada Um de Nós*, explora a jornada do autoconhecimento e a conexão com a consciência emocional. Apaixonada pelo mar e pela dança, integra sensibilidade artística e profundidade terapêutica em seu trabalho, promovendo transformações pessoais e o despertar do potencial humano. Para conhecer mais sobre seu trabalho, acesse o Instagram: [@beawaremagicbook](https://www.instagram.com/beawaremagicbook).

O ar nos faz transitar entre mundos
Nos leva daqui para lá
E nos traz de lá para cá

O ar tem esse poder
Essa magia de permitir

O ar nos deixa voar
Torna possível o passar de um lado para o outro

O ar pode nos levar até o infinito
O ar não tem limites e nem barreiras
E ainda assim pode nos impedir de voltar

É como se o risco de usar essa magia do ar
Fosse o nunca mais voltar
O se deixar levar e ficar
Com o risco de ficar presa no ar

Ficar presa sem poder transitar
Ou pelo menos sem poder voltar

Talvez se possa transitar mais por lá
E continuar a encontrar portais que se abrem no ar

O risco é ir e não voltar
O risco é fazer a passagem por ter a coragem de se deixar levar
E acabar por não pertencer a nenhum lugar
E ter que confiar que o ar sabe cuidar de nós

Cuidar da alma que sobrevive a todas essas passagens
Sabe cuidar do corpo quando ele fica pesado demais para seguir viagem

O ar sabe deixar e nos pede esse olhar de quem sabe o que é preciso levar

E se continuarmos a brincar com o ar

Vamos nos encantando com esse viajar

E estar em um só lugar pode não bastar

E então nos abrimos à hipótese de pertencer ao ar e não a um lugar

A magia do ar nos transforma em seres capazes de transitar entre mundos

Mas não nos ensina a voltar

Pois é como se o ar não reconhecesse o lugar

Ele apenas nos permite passar e atravessar um portal entre um mundo e o outro

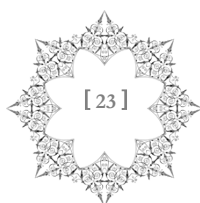
Cabe ao corpo o voltar

O trazer a densidade ao ar

Para poder ancorar

Para nos permitir escolher onde ficar

Até que o ar nos convide de novo a voar



APRESENTAMOS O POEMA

A BRUXINHA EM NÓS

POR GABRIELA GONÇALVES FERREIRA



Gabriela Gonçalves Ferreira é escritora, coach, facilitadora, formadora e consultora, especializada em coaching com foco na abordagem psicossintética. Autora dos livros *Be Aware* e *O Farol em Cada Um de Nós*, explora a jornada do autoconhecimento e a conexão com a consciência emocional. Apaixonada pelo mar e pela dança, integra sensibilidade artística e profundidade terapêutica em seu trabalho, promovendo transformações pessoais e o despertar do potencial humano. Para conhecer mais sobre seu trabalho, acesse o Instagram: [@beawaremagicbook](https://www.instagram.com/beawaremagicbook).

Toda mulher tem em si um pouco de bruxa

Somos bruxinhas aprendizes

A vida faz o possível para nos ensinar a usar mais e mais toda a nossa sabedoria, a nossa intuição e a nossa sensibilidade

Somos aquelas que cuidam do caldeirão das emoções

Também somos aquelas que têm o poder de brincar com a magia que vem da intensidade de viver, atenta e aberta ao que está vivo nas nossas almas e no campo

Que possamos celebrar a bruxinha que existe em nós

Cuidar dela com carinho

E que possamos saber usar toda a nossa magia com muito amor

Ser mulher também inclui o conhecer e o reconhecer esse poder da intuição

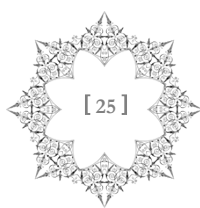
É o saber que temos irmãs pelo mundo que, a cada dia, assim como nós, estão a aprender a usar esses poderes da alma e do mundo

Somos conexão com o dentro e o fora

Somos canal da intuição

Somos amantes da lua

Somos parte das ondas do mar



APRESENTAMOS O CONTO

DESOVA
POR LUIZ ROSA



Luiz Rosa nasceu em 21/10/1980, e sua paixão pela literatura vem desde muito cedo. Na adolescência, lia os quadrinhos de Spawn e Conan; sobre mitologia e sociedade grega. Passou a juventude lendo Agatha Christie, Stephen King, Kafka e Dostoiévski. Em 2001, publicou o conto O Choro, na antologia literária Escrevendo Mulheres. Foi novamente agraciado em 2014, com a publicação do conto Homem e Ponto. Sua obra mais recente é a fantasia cibernética Exploit, publicada pela Editora Viseu. É formado em história e pós-graduado em geopolítica pelas Faculdades Integradas 'Espírita' - Curitiba-PR.

Mesmo residindo na cidade por muitos anos, seria a primeira vez que Peter visitaria a isolada praia do Gomes. Era um pouco depois da meia-noite quando ele deu partida no carro.

Para chegar ao destino, era necessário seguir em direção ao porto e continuar por uma estrada de terra sinuosa, iluminada ocasionalmente pela luz do luar naquela noite de verão. Nas proximidades, encontravam-se algumas casas de pescadores, com uma luz fraca titubeando no alpendre.

Ao chegar a uma clareira, Peter estacionou o carro e contemplou a pitoresca paisagem. Em seguida, abriu o porta-malas e retirou uma mala volumosa. Seu plano era cavar um buraco para escondê-la, o que, além de cansativo, levaria tempo, ponderou ele, segurando a pá em suas mãos.

Analisando outras possibilidades, Peter avistou uma encosta pedregosa e, com dificuldade, levou a macabra bagagem até lá. Agora, restava apenas amarrá-la a uma poita e lançá-la ao mar, acreditando que poderia escapar impune daquela situação.

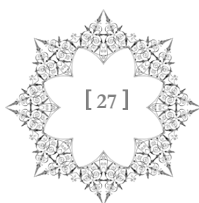
Então, Peter voltou para buscar uma poita, mas na penumbra do caminho que seguia, foi sorrateiramente atingido na cabeça e desmaiou.

Ao recobrar a consciência, Peter se viu pendurado de cabeça para baixo em um galho de árvore, sob a vigilância de três bruxas, que cutucavam seu corpo nu com espetos. Próximo dali, uma fogueira crepitava.

— Pare! O que pretendem fazer comigo? — perguntou Peter, aterrorizado.

Uma das bruxas riu de forma estridente e respondeu:

— Primeiro, vamos arrancar o olho que te fez pecar! He he he!



APRESENTAMOS O POEMA

A BRUXA INTERIOR

POR MARILU F QUEIROZ



Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

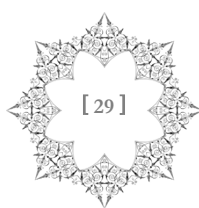
Há uma bruxa que vive em segredo
dentro de nós, tão silenciosa e fria.
Escondida, ela observa com medo...
Aguarda o melhor momento do dia.

Quem sabe ela é fruto do que tememos,
o desconhecido que nos faz hesitar?
Será que em nossos sonhos flutua...
A busca da coragem para enfrentá-la.

No escuro da mente, entre os sussurros...
Promessas de poder, mistérios a desvendar.
Mas o perigo de sua voz é uma amargura,
Que se aflora quando a deixamos reinar.

Tememos o que ela pode nos mostrar...
Sombras que se escondem no coração.
Mas é apenas enfrentando o seu olhar,
Que encontramos a verdadeira razão.

Então, a bruxa não é inimiga ou vilã,
Mas parte de quem somos, em evolução.
Um reflexo do medo feroz que nos afasta,
e nos guia além da luz da compreensão.



APRESENTAMOS O POEMA

ALMA DE LUZ

POR NEYREID MALTAURO



Neyreid Maltauro, natural de Itanhandu -MG, professora de História, com especializações em cinco áreas da educação. É autora apaixonada por palavras que resgatam memórias e sentimentos. Acredita na literatura como ponte entre tempos, pessoas e mundos.

Penso que não estou só,
apesar de às vezes sentir o vazio.
Tia Mia caminha comigo
em silêncio antigo,
como quem conhece os caminhos
antes mesmo que eu os deseje.

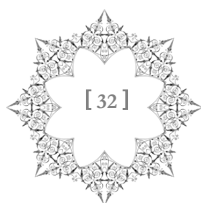
Seu olhar —
doce e seguro —
insistia na soberania.
Não pelo domínio,
mas pela firmeza de quem sabe
de onde veio
e para onde a alma vai.

Mensageira de luz,
foi queimada por medo alheio,
mas seu espírito acendeu
em nós,
como vela que não se apaga.

Ela me acompanha desde sempre.
Me escolheu —
ou fui eu quem a ouvi
no tempo em que ninguém ouvia?

Sou herdeira dos seus saberes,
dos seus olhos verdes,
dos mistérios que ela sussurrava
ao vento,
à lua,
às folhas das ervas.

Alma de luz,
raiz e estrela,
ela vive em mim.
E eu,
sou terra para sua memória.



APRESENTAMOS O CONTO

UM PEQUENO DRAMA NO MONTE KAMURIKI

POR ROBERTO SCHIMA



Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de trezentas e oitenta e oito antologias. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc.
E-mail: schimaroberto@gmail.com

Japão.

Ilha de Honshu.

Província de Nagano.

Terra de lendas e mistérios.

Na encosta do Monte Kamuriki.

Entre a friagem do outono e inverno.

Um homem de meia idade subia o terreno íngreme da montanha. Ofegante, carregava a avó às costas através da densa floresta. Ela não era pesada, pelo contrário, mal passava de um graveto humano. Todavia, o relevo acidentado em nada facilitava a jornada. Em seu cangote, Nobuko, a velha, murmurava suas familiares incoerências, resmungos e diálogos com pessoas imaginárias.

— Quieta! — bufou ele.

Ela continuou.

Ele praguejou.

Ela balbuciou.

E ele arquejou.

Passo a passo, os pés afundavam na terra vulcânica, úmida e escorregadia.

O ar gelado se insinuava por entre as coníferas, cujos galhos se sacudiam em inquietos murmúrios. Vez ou outra, a brisa trazia um odor de resina de cedro e madeira mofada. A tarde findava. As sombras se acentuavam. Pássaros silenciavam. Esquilos e cervos se escondiam. Insetos para longe voavam. Corujas despertas piscavam e bocejavam, girando a cabeça em ângulos impossíveis.

O nome dele era Chikuma-san, agricultor de uma pequena propriedade no vale mais abaixo. Apesar da família não estar passando fome e nem em situação de extrema penúria, pretendia cumprir uma cruel tradição: deixar a avó no alto do Monte Kamuriki, no meio da floresta, à mercê do infortúnio. Considerava que a demência dela tornara-se um fardo pesado demais para a família suportar.

— *Okāsan!* — choramingou Nobuko. — *Okāsan!*

— Cale a boca, *obāchan!* Sua mãe morreu faz tempo.

A idosa chorou uma saudade antiga. Soluços sem resposta.

Chikuma-san retrucou mais para extravasar a raiva, conforme fizera milhares de vezes em casa. Havia anos, a avó, fechada em seu próprio mundo, não compreendia coisa

alguma do que lhe falavam, tampouco do que fazia. "Logo, ficaremos livres disso", pensou ele, apoiando-se num tronco de pinheiro, cansado. Em sua mente, vieram as cenas exasperadas da esposa, cada vez que precisava levar a sogra ao banheiro. Tornara-se rotineiro Nobuko relutar em se agachar a fim de fazer as necessidades, e, então, sem conseguir se controlar, defecava ou urinava ainda em pé, sujando o piso, as pernas, os pés e a roupa.

— Não aguento mais! — gritara a esposa de Chikuma-san naquela manhã, enojada.

— Limpe você a obaasan e o banheiro!

O lavrador suspirou.

A brisa transformada em vento sibilou ao redor. Ramos se agitaram. Arbustos farfalharam. Tratava-se de uma sinfonia fúnebre a realçar a tragédia digna de uma peça *nô*. E a carranca de Chikuma-san era a máscara perfeita de um misto de sentimentos: contrariedade, fadiga, raiva, remorso, temor e melancolia. Prosseguiu mais alguns metros adiante, até acreditar estar longe o suficiente da vila. Sim, era o bastante. Mesmo que a avó berrasse a plenos pulmões, ninguém a ouviria. Todavia, caso um caçador escutasse, julgaria tratar-se de um fantasma e, prontamente, fugiria.

Nobuko contava mais de noventa anos. Sofria de demência fazia sete anos e seu estado só piorara a cada estação. Primeiro, a memória. Começou a se esquecer de antigas recordações, depois, lembranças recentes, e, por fim, de quem eram as pessoas próximas e, até, de si mesma. Igualmente, as atitudes se tornaram cada vez mais sem noção, como cuspir dentro da panela de *shiro gohan* ou guardar as cascas de fruta no armário de roupa. Num instante de distração, ela podia apanhar determinado objeto, colocá-lo em qualquer lugar e, depois, não se lembrar de tê-lo feito, qual objeto seria e, muito menos, onde o deixara. Sendo algo trivial como um *geta* ou *tabi*, arranjar-se-ia outro, todavia, a história mudaria de figura se fosse um documento, um retrato ou as economias.

— Pode até atear fogo à casa! — dissera a esposa de Chikuma-san.

Ela fora encarregada de cuidar da idosa. No entanto, chegara um ponto que não conseguia mais dar conta e nem o queria. Somando-se ao declínio do estado de Nobuko, havia a administração da casa, o cuidado com os filhos mais novos e o primeiro neto, ainda bebê. A tarefa teria sido da sogra — mãe de Chikuma-san —, caso não tivesse falecido de doença antes da anciã perder o juízo.

Após a última discussão com a mulher, Chikuma-san refletira e refletira diante do *butsudan* — o santuário da família — e, por fim, decidira. Sem ser poeta, até compusera um arremedo de *haikai* para celebrar a ocasião, enquanto bebericava chá verde:

A chuva cai.

A terra absorve.

Nuvens se formam.

Renovação.

Como a confirmar ou consentir a sua resolução, uma chuva fina despejara-se diante dele sobre o arrozal. Sim, um bom augúrio. Ao menos fora naquilo que quisera acreditar...

Então, aguardara o azul do firmamento voltar a se exhibir. Voltara-se para a esposa e mentira a ela, afirmando ter de levar a avó ao médico. A mulher concordara, embora, no íntimo, suspeitasse das intenções do marido. Suspirara, vencida, mas aliviada.

Nuvens sombrias desfilaram pelo céu.

Feixes de luz se despejaram sobre a montanha.

A carroça conduziu avó e neto até o sopé de Kamuriki.

Chikuma-san não gostava de Nobuko. Em outros tempos, ela fora bastante severa na educação da filha. Fizera diferença entre ela e os irmãos, batera em suas costas com vara de bambu e até espancara o pequeno Chikuma, fazendo-o chorar em diversas ocasiões. Na adolescência, ele ouvira à boca pequena que a razão para tanto rancor fora porque sua mãe, a caçula, nascera contra à vontade de Nobuko ou por não ser aquela filha legítima do avô. Fosse qual fosse a verdade, agora ele faria o que tinha de ser feito.

Exausto, atingiu uma minúscula área relativamente plana à sombra de um pinheiro. Estendeu um pedaço de lona no chão. A seguir, colocou a idosa sobre a lona. Aliviado e livre do peso, endireitou a coluna. Estalou uma, duas vezes. As costas doíam barbaramente, como se não bastasse a dor habitual devido ao trabalho na lavoura. Foi quando, ao deslizar as mãos, percebeu: a avó urinara nele. Seu sangue ferveu.

— Ora, velha imprestável, veja só o que fez! — vociferou. — Não serve para nada... Nada! Só para dar problema e nos enlouquecer. Ah, sim, a floresta cuidará da senhora melhor do que cuidou de nós!

Apesar da raiva, antes de partir, Chikuma-san hesitou. Por mais desapiedado que acreditasse ser, os laços de sangue eram fortes. Questões como lealdade, dever, honra,

dignidade e devoção aos ancestrais passaram por seus pensamentos e, detestou admitir, nutria alguma afinidade para com a avó, afinal, sempre convivera com ela. Chacoalhou a cabeça, a lutar consigo.

— Não, *obāchan!* Todos se sacrificaram pela senhora. Fizemos nossa parte. Agora, está na hora de se sacrificar por nós. *Gomen nasai...*

Nobuko, olhar ausente, meio infantil, meio demente, mal prestou atenção. Observava os arredores num misto de estranheza e curiosidade, sem nada entender; procurando, sempre procurando. Não que fosse algo surpreendente, pois o mesmo semblante desamparado pudera ser visto nos últimos anos, enquanto se encontrava no interior de sua própria casa, no quarto, no *futon*, cercada por um cenário mais do que familiar, mas transformado num mundo desconhecido, cheio de coisas desconhecidas e por gente desconhecida, onde tudo o que ansiava era retornar ao aconchego de um lar imaginário, livre da mais extrema solidão. Remexeu-se, inquieta, agarrando a si própria num abraço apertado.

— *O-o-okāsan!* — gaguejou, chamando. — *Okāsan!*

O neto não replicou dessa vez. Segundo a sua melhor avaliação, a velha teria um fim rápido; senão pelas mandíbulas de um urso negro ou javali, pelo ar gélido da noite que, em breve, derramar-se-ia na floresta. Foi tomado por um calafrio repentino ante tais destinos. Inclinou-se formalmente para ela e, num ato final, falou, lutando para manter firme a voz:

— *Moushiwake gozaimasen!*

Voltou-lhe às costas, pronto a descer o Monte Kamuriki, sem coragem de dizer adeus.

Foi quando o inacreditável aconteceu.

De repente, a brisa transformada em vento converteu-se em ruidoso vendaval. Sons ululantes vieram em coro de todas as direções da floresta. A folhagem agitou-se, furiosa. Os troncos das árvores se inclinaram de modo ameaçador. Galhos ásperos rangeram, alguns se partiram. Folhas mortas se ergueram em redemoinhos sobre o solo cinzento e úmido. E, mais surpreendente de tudo, a neve, cuja chegada estava prevista para daqui a um mês, precipitou-se das alturas. O céu se tornou casmurro. As cores fugiram. A temperatura despencou. Um denso nevoeiro surgiu do cume da montanha, e, ao somar-se à neve, reduziu a visibilidade a poucos metros. Tudo embranqueceu. Sombras se avolumaram.

Do interior da bruma, ele viu.

Surpresa, dúvida, medo.

Era uma penumbra.

Era uma sombra.

Era um vulto?

Era ela!

Chikuma-san se sobressaltou, atemorizado. Estremeceu não somente pelo frio. A sua frente e acima, entre os pinheiros, a silhueta escura se destacou da nevasca e seus contornos se tornaram mais e mais definidos. Ele esfregou a vista. "Terei enlouquecido também?", pensou. Pois era a avó quem via pessoas já falecidas ou que não existiam, a exemplo da própria mãe ou de uma certa menininha que alegava percorrer o corredor de casa. Relatos assim não eram incomuns no Japão; vindos, inclusive de pessoas perfeitamente sãs. A Terra do Sol Nascente passara por incontáveis sofrimentos ao longo de sua história. Muitos acreditavam que espíritos inquietos perambulavam entre os vivos. Contudo, o agricultor se posicionava entre os céticos. Considerava tudo alucinação, fruto do cansaço ou do excesso de *sake*. Mas, e agora?

A figura misteriosa caminhou em meio à névoa, indiferente à tormenta. Dava a impressão de flutuar acima do chão, embora os pés não fossem visíveis por causa da neblina. De onde teria vindo? Por que ele não ouvira seus passos na folhagem seca, pedras soltas ou galhos quebrados? Como ela podia não sentir frio? E, por falar na bruma, como aparecera? E a ventania? E a neve?

Num misto de desconfiança, aturdimento e medo, tentou se recompor.

— Que-que-quem é você? — perguntou. — O que faz aqui?

A figura chegou a poucos metros de Chikuma-san. O lavrador engoliu em seco. Tratava-se de uma jovem de incrível beleza. O rosto oval era tão branco quanto às vestes esvoaçantes que trajava e a neve a cercá-lo. Contrastava sobremaneira ao negro luzidio dos cabelos, lisos e tão compridos que, não fosse pelo vento, penderiam abaixo da linha da cintura. Quanto aos olhos — grandes para uma nipônica — faziam pensar em um par de pérolas negras. A boca pequena e carnuda era de um tom vermelho convidativo que *geisha* alguma conseguiria igualar. E foi através desses lábios sedutores que a aparição, impassível, falou, apontando para a idosa:

Ubasute!

A voz era musical, no entanto, esquisita. Parecia brotar na mente de Chikuma-san. E seu tom enérgico foi tão gélido quanto o açoite do vento. Não se tratou de um questionamento, mas uma acusação.

Ubasute era como se chamava o costume de abandonar um idoso num local ermo a fim de deixá-lo morrer.

Chikuma-san recuou como se tivesse sido esbofeteado. Desviou seu olhar para a avó e, de novo, o espanto tomou conta de sua fisionomia. Apesar do vento, da neve, da queda brutal na temperatura, Nobuko, dentro de sua apatia, continuava serena sobre o retângulo de lona. A intempérie não parecia afetá-la. Como era possível, se ele não conseguia parar de tiritar? Confuso, aterrorizado e enraivecido, voltou sua atenção para a figura. Não obstante a hipnótica beleza, ele gritou:

— Nã-nã-não é da sua conta!

Indiferente à demonstração de fúria, a mulher prosseguiu:

A velha não suportará o frio da noite. Não sente pena?

O veludo naquela voz não ocultou as farpas de gelo.

Vestes e cabelos esvoaçaram de própria vontade.

Por que não atenderiam à força da ventania?

Por que nada daquilo aparentava sentido?

E os ramos das árvores farfalhavam:

Oh, bétulas, pinheiros e ciprestes!

Pranteiam acima da borrasca.

Não da pergunta na alma.

— Vá embora! — implorou Chikuma-san. — O que sabe de pena? O que sabe da minha vida? Faço o que preciso fazer! Não tenho condições de continuar com a *obāchan*!

Estranho como, apesar do sibilar lamurioso do vento, a voz da mulher de branco sobressaiu-se nitidamente no cérebro do homem de meia idade.

Ah... Nem queira saber como é morrer sozinha, com medo, com sede, com fome e ao relento. O ar gélido da madrugada penetra em seu corpo feito milhões de agulhas, finca suas garras na alma. Seus dentes batem, seu corpo inteiro treme. Você roga aos Kamis pelo fim do suplício, mas eles fingem não ouvir, eles não atendem. O término custa tanto a chegar! Cada instante se torna uma eternidade. Mãos e pés se paralisam de dor. O rosto fica dormente. Respirar torna-se impossível. O ar queima dentro do peito. Entretanto, de todo o sofrimento, o maior é a sensação de abandono, o completo desamparo. Oh,

interminável angústia, tristeza, impotência e solidão! E, em meio à aflição, o que sobra de consciência se concentra em um sentimento: ódio. Ódio pelo responsável por seu suplício. Ódio a transcender a própria morte... Então, você amaldiçoa até as profundezas negras do inferno. E, antes de exalar o derradeiro suspiro, o licor de um último desejo é destilado: vingança! Daí sim, os deuses, divertidos, regozijam-se em atender...

O ruído da nevasca se tornou mais forte.

O fustigar do vento magoou as faces.

Da garganta ressequida, saiu a voz:

— Minha *obāchan* não tem condições de odiar ou amaldiçoar quem quer que seja. Sequer me reconhece mais. Passa os dias a chamar por sua mãe — minha bisavó —, como se fosse uma criança remelenta. Mas minha bisavó faleceu muito anos antes da minha própria mãe ter nascido.

Pois eu te digo: ela não se recorda de ninguém. Por isso, é a mais solitária das criaturas. Também é a mais triste, amedrontada e desolada. Anseia desesperadamente pelo conforto de um rosto amigo...

Era como se fosse a voz da consciência dando uma lição àquele homem.

— Cale-se! Não é da sua conta — repetiu. — Deixe-me em paz!

... Sei bem o que Nobuko sente, pois eu também fui vítima do *ubasute*!

— O quê?!

Chikuma-san arregalou os olhos perante a revelação. Que disparate! Ficou tão incrédulo a ponto de não se dar conta de um detalhe: não mencionara o nome da avó à mulher de branco.

— *Ubasute*... Você? Impossível! Não é idosa. Deve ter uns vinte anos apenas. Tampouco me parece tomada por uma doença terminal. Ademais...

Ela se limitou a sorrir.

Fria.

Serena.

Impassível.

Enquanto o intruso discorria seus preciosos argumentos, aconteceu aquilo...

... A metamorfose!

A bruma se adensou. Dava a impressão de brotar da mulher. Lentamente, de uma linda jovem de tez alva e cabelos negros qual o contraste do dia e da noite, ela se transformou. A beldade cedeu espaço a uma anciã encarquilhada, horrorosa, macilenta,

tão decrepita quanto a avó de Chikuma-san. Os cabelos sedosos se tornaram grisalhos, sujos e emaranhados. Os trajes de linho se converteram em trapos grosseiros, rotos e encardidos. Os lábios rubros se descoloriram, ressecaram, enrugaram e, do canto esquerdo, um fio de baba escorreu. Ela sorriu, revelando uma boca banguela, coroada de dentes apodrecidos.

Boquiaberto, o lavrador caiu para trás, em choque, afundando na neve. Balbuciou:

— Br... Bru... Bruxa!

Arrastou-se e rolou para trás até bater no tronco de um pinheiro.

— BRUXA!

Vieram-lhe lembranças amargas da época em que, criança, a avó apavorava-o com toda sorte de histórias macabras: fantasmas, monstros e demônios.

A criatura emitiu uma gargalhada de gelar o sangue.

AH! AH! AH! AAAHHH!... "Bruxa"... *Yuki-onna*, *Yamauba*, *Shinigami*, *Jorōgumo*, *Tsuchigumo*, *Kijo*... Ah!... *Yokai*, *Kami* ou *Yurei*... Escolha o que bem entender, chame-me do que quiser. Depois de tanto tempo, sequer me recordo mais de meu nome. Séculos atrás, meu filho galgou esta mesma montanha. Trouxe-me às costas assim como você fez com a sua *obaasan*. No meu caso, o inverno já havia chegado. A neve se despejava feito pétalas de *sakura*. Tão linda! O nevoeiro rastejava ao redor, vindo do cume de Kamuriki. Sim, seria um belo espetáculo a exemplificar a efemeridade das coisas, não fosse pelas circunstâncias. A brisa gelada deu tons rosados ao meu rosto. Os galhos ásperos arranharam minha pele em linhas escarlates. Além de idosa, eu queimava de febre. Mas permanecia lúcida. Roguei para o meu filho: "Não me deixe aqui!" Fez ouvidos moucos. Se eu pudesse, daria cabo de minha própria vida de forma digna e cerimoniosa. No entanto, coragem nunca foi o meu forte... Ele me abandonou sobre um rochedo e foi embora, engolido pela névoa. A noite chegou. O frio penetrou na minha carne até os ossos. Aflita, clamei por misericórdia a todos os *kamis*, benevolentes ou demoníacos, para que não me permitissem perecer assim. Entoei cânticos e palavras mágicas, aprendidas quando ainda era criança, implorei, xinguei, amaldiçoei...

Ela fez uma pausa e, por um instante, sua expressão de escárnio se abrandou. Ficou cabisbaixa. Foi como se retornasse gerações atrás e se visse outra vez à mercê do clima: assustada, indefesa, desolada e só. Então, tornou a erguer o rosto, e uma fúria selvagem cintilou em seus olhos.

... E eles me ouviram! Eles me atenderam!... Mais ou menos. Deuses são caprichosos, sabe? Não são nossos serviçais, pelo contrário. Somos peças em seus tabuleiros. Não fazem nada sem obter algo em troca. Naquela noite sem fim, meu corpo morreu, todavia, em vez de minha essência seguir jornada até os ancestrais, virou uma *yurei* — um espírito vingativo —, ou, se preferir, uma bruxa. Meu filho não completou sua descida da montanha. A queda suave da neve se converteu em nevasca e abateu-se sobre ele. Incapaz de andar, enxergar e encontrar o caminho de volta, teve destino idêntico ao meu. Justiça poética, não? Bem que merecia ser encenada no teatro *kabuki*! Daí em diante, tornei-me a guardiã desta floresta e fiz uma promessa: todo aquele que ousasse submeter outros idosos ao *ubasute*, ainda que com o consentimento desses, não sairia vivo daqui. E, agora, Chikuma-san, aí está você...

Ela sabia o seu nome!

Assim como adivinhara o nome da avó.

Um *yokai* não seguia a ordem natural e os fenômenos terrenos.

De tudo o que ouvira de Nobuko, ódio era a força propulsora dessas entidades disformes.

Aterrorizado até o último fio de cabelo, o agricultor não esperou a entidade concluir. Levantou-se, deu meia-volta e, desajeitadamente, correu pela vertente da montanha.

A coisa sorriu, reassumindo a forma que tivera na juventude. Segundo a sua vontade, o infeliz não chegou longe. A cada passo, ele sentiu o corpo mais e mais pesado como se o mundo fosse despejado sobre seus ombros. Respirar se tornou difícil. As pernas, já trêmulas, amoleceram. Tornou a perder o equilíbrio e caiu. Gemeu de dor ao chocar-se contra pedras e gravetos aguçados. Mãos, cotovelos e joelhos se esfolaram. Então, ao fitar os próprios dedos ensanguentados, percebeu.

— Nã-nã-nããooo!... Nã-nããooo!!... NÃÃÃOOO!!!

Diante de seus olhos ensandecidos, ele viu: as mãos perderam o vigor, enrugaram, murcharam, empalideceram, adquiriram manchas, e as veias se sobressaltaram. Elas tremeram incontrolavelmente; menos de frio ou de medo, mas da idade. Levou-as ao rosto a fim de ocultar o pranto. À leitura do tato sobre a pele, detectou inúmeras rugas que, até então, não existiam. Envelheceu décadas em questão de segundos! Procurou se erguer. Não conseguiu. Não bastasse a dor da queda, as juntas falharam miseravelmente, fracas, inúteis, incapazes de suportar o próprio peso.

Foi alcançado pela entidade — bela e jovem outra vez —, a qual não caminhava, outrossim, pairava alguns centímetros sobre o chão. Não veio sozinha. Ao seu lado, outra moça — rosto redondo, dentes salientes — cujo semblante trazia mágoa, decepção e desprezo.

Chikuma-san, confuso, reconheceu o quimono manchado de urina. Gaguejou, voz rouca de idoso:

— *O-o-obāchan?*

A segunda jovem esboçou um esgar. Suas palavras chegaram cortantes à mente de Chikuma-san:

Como se sente agora, ocupando o meu lugar?

— *Obāchan*, por favor, deixe-me ir embora! *Gomen nasa!* *Gomen nasa!*

Fazendo eco ao ocorrido momentos atrás, ela falou, desdém destilado:

Velho imprestável... Não serve para nada!

O lavrador tentou berrar, mas a voz não saiu. Àquela altura, entre lágrimas, ele sequer se deu conta de que, ao seu redor, não havia nevasca, não havia vento, não havia neve, não havia sequer a bruma. Fora tudo ilusão criada pela "bruxa". Pouco acima, o corpo sem vida da avó jazia sobre o retângulo de lona. Contudo, no labirinto caótico da mente de Chikuma-san, o cenário glacial imperava. De lá, ele percebeu a tarde findar. Impotente sob a opressiva escuridão e o ameaçador farfalhar dos ciprestes, foi pouco a pouco coberto pelo manto branco. O frio penetrou através da carne e atingiu nervos e ossos. Foi como se milhões de agulhas o perfurassem em uma agonia sem fim. Pôde, assim, descobrir o quanto uma eternidade custaria a findar. Oh, pobre Chikuma-san! Em meio ao desvario, não se deu conta de continuar o mesmo homem de meia idade, o qual, não fosse pela ilusão, teria podido se levantar e fugir dali para o vale e a quente segurança de seu lar.

Enquanto isso, o espírito daquela que um dia fora Nobuko acompanhou a outra *yurei* floresta adentro sob fios de luar e o chirriar das corujas. Sentiu-se leve, a deslizar, livre do fardo da idade e do corpo. Procurou dar forma aos seus pensamentos, agora lúcidos:

Por muito tempo, deixei-me dominar pelo ódio. Acreditava detestar a minha filha e, por extensão ao meu neto também. Pensava odiar meu marido e meu lar. Todavia, agora vejo, agora compreendo. O que eu detestava era a mim mesma, aquilo que eu fizera e aquilo que me tornara.

A outra anuiu, ciente de que a nenhuma delas seria concedido o privilégio de reunir-se aos antepassados. Jamais haveria descanso para as duas, indefinidamente prisioneiras entre dois mundos. No entanto, na estrada do infinito, ao menos ambas não se encontravam mais sozinhas.

Vamos, Nobuko, vamos jogar bolas de neve uma na outra. E, quando a próxima estação vier, atiraremos pétalas, poeira, folhas secas, ramos de bambu ou gotas de chuva.

Intrigada, aquela que um dia fora a avó de Chikuma-san indagou:

Quem é Nobuko?

E lá se foram, fundindo-se à penumbra.

Entre a friagem do outono e inverno.

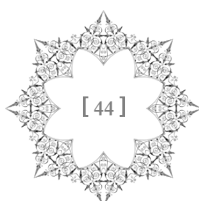
Na encosta do Monte Kamuriki.

Terra de lendas e mistérios.

Província de Nagano.

Ilha de Honshu.

Japão.



APRESENTAMOS O MINICONTO

INADEQUADO

POR SACERDOTISA AVVA



A autora sempre teve uma relação íntima com os livros. Autodidata, sempre em busca de Conhecimento. A escrita sempre esteve presente, mais como terapia talvez. Adora poesia e cinema. Médica. Homeopata. Filósofa. Alquimista. Terapeuta Junguiana. Estudiosa de Física Quântica e Mitologia. Mãe de uma menina linda de 11 anos.

É dia de cerimônia. Penso que não possuo o traje ideal e sinto vontade de desistir. De qualquer forma, preciso comparecer ao compromisso previamente agendado.

No guarda roupas percebo apenas o de sempre, nada inspirador. De repente recordo de um vestido, que deve estar guardado em algum lugar “secreto”. Começo a procurar e tenho dificuldades para encontrar. Quase desisto, mas lembro de um baú antigo que tinha sido da minha bisavó e tinha me sido dado pela minha avó. A peça estava no escritório, ao lado da estante dos livros.

Fui até lá e abri. O vestido estava lá, entre fotografias antigas, bolsas e outros vestidos de festa. Percebi como eu estava afastada desses eventos e festas mais pomposos. Hoje, no entanto, eu iria a uma cerimônia.

No difusor de ambientes, lavanda, alecrim e laranja para relaxar e elevar o astral. Durante o banho, escuto A Primavera de Vivaldi. Sinto-me com energia, como se tudo estivesse fluindo naturalmente.

Visto a roupa com calma, estou pronta e me sinto elegante. Pego a bolsa de mão e dirijo-me ao corredor de saída. Antes de chegar à porta, percebo minha cristaleira à direita. Por trás do meu reflexo, vejo o conjunto de chá chinês de que tanto gosto. Era presente do casamento da minha tia avó e ela me deu há algum tempo. Elegante, de porcelana, com dragões pintados à mão.

Chego ao local da cerimônia, deparo-me com uma escadaria longa, em espiral que leva a uma porta alta, de madeira, com duas aberturas e um arco superior clássico. Um cavalheiro abre a porta para mim pelo lado de dentro e acesso um salão retangular, decorado de forma elegante para a ocasião.

Algumas pessoas estão preparando uma grande mesa com frutas, aperitivos e vinho. Uma dama vestida de preto caminha na minha direção. Com um olhar crítico e um semblante de desaprovação, fala:

— “Tua roupa não está de acordo com a ocasião. Precisas ir em casa trocar imediatamente.”

— “Mas eu escolhi esse vestido com todo o amor. Preparei-me com entusiasmo para a cerimônia.” — eu disse.

Ela, sem me dar ouvidos, chama o cavalheiro que está na porta de entrada e manda chamar um táxi para mim. Pega-me pelo braço e faz com que eu saia do salão. Fico atordoada com tudo, sinto-me fora do ar.

Quando volto a mim, estou num taxi, sendo levada para casa. O motorista pergunta se estou bem. Digo que sim. Ele fala que eu já havia dito o endereço. Eu realmente não lembrava de ter falado com ele.

Chego em casa ainda confusa, sinto me decepcionada, como se tivessem cortado minhas asas. Vestida com meu vestido azul lápis lazuli, de renda fina, considerado inadequado.

Resolvo fazer um chá de hortelã. Na cristaleira, pego um dos píres e uma das xícaras do conjunto chinês. Sirvo o chá e percebo os dragões, também de cor azul, só que num tom mais escuro. Delicados, porém fortes e implacáveis. Para mim, tão adequados.



APRESENTAMOS O MINICONTO

INCITAR

POR SACERDOTISA AVVA



A autora sempre teve uma relação íntima com os livros. Autodidata, sempre em busca de Conhecimento. A escrita sempre esteve presente, mais como terapia talvez. Adora poesia e cinema. Médica. Homeopata. Filósofa. Alquimista. Terapeuta Junguiana. Estudiosa de Física Quântica e Mitologia. Mãe de uma menina linda de 11 anos.

Caminho há algum tempo. Chego então à beira mar. Sinto-me envolvida pela brisa, tocada pelo calor do sol, percebo a força e a suavidade ao ouvir as ondas e o canto das gaivotas. Conecto-me com o fluxo da Natureza, fico em paz com o Universo, tudo está no seu lugar. Plenitude, como há muito eu não desfrutava.

De repente as cores mudam. As nuvens ocupam seu lugar no céu, o sol sai à francesa, o vento muda e tudo fica cinza escuro, anunciando a viração do tempo. Começo então a caminhar e tropeço na areia, caindo de joelhos. Por alguns instantes observo a obscuridade na linha do horizonte, percebo a fúria do céu e do mar. Levanto com certa dificuldade, buscando me equilibrar. De qualquer jeito começo a andar, apresso o passo e repentinamente a beira mar desaparece. Estou angustiada.

Agora só avisto prédios bem altos, sombrios, eles emergem à minha volta. Não há luz. Caminho cada vez mais rápido, as sombras me perseguem. Cadê o sol? Estou com medo, sinto-me vulnerável, incapaz, como se tivesse perdido algo. Cadê a beira mar? Agora definitivamente correndo, procuro com certo desespero o que não consigo encontrar. Sigo correndo entre prédios (ou monstros) na total escuridão. Estou assustada. Passo pelo último prédio e dobro à direita correndo, me deparando com a completa treva. Sou obrigada a parar de correr. Olho para trás e percebo que os prédios não existem mais. Olho para a frente e não vejo nada por alguns segundos. Atrevo-me e sigo adiante, caminhando mesmo sem o poder da visão. Aos poucos começo a perceber alguma claridade.

Chego agora a um bosque escuro. Seria noite? Há apenas um trajeto entre árvores, bem delimitado. Há grama ao redor, mas o caminho por onde ando é feito de terra e pedras. Sinto o solo sob meus pés e ouço o barulho dos meus próprios passos. O ritmo das passadas agora é lento, já não estou mais tão amedrontada. Parece que busco algo, mas esqueci o quê.

De repente, ouço um ruído no chão. Sinto que algo ou alguém se aproxima. Curiosa, preciso saber o que é. Percebo algo rastejante, com movimento sinuoso, com dois olhos verdes luminosos vindo na minha direção. Meus olhos não querem acreditar no que vêem!! Perplexa, decifro ela, a Serpente Dourada, à minha frente. Ela possui grandes dimensões. Paraliso, numa mistura de medo (sem pavor) e admiração. Reconheço sua própria grandeza assim como minha própria pequenez. Sinto que serei devorada e talvez uma parte de mim aceite o inevitável.

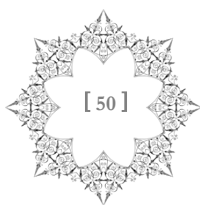
Ela enrosca-se e prepara o bote, armando-se de forma implacável. Antes de efetivar o ataque, me olha e diz: “— Se me deres algo, não serás picada.”

Agora sim fico apavorada, pois não sei o que dar a ela. Penso rápido e começo a catar coisas no chão e atirar em sua boca. Pedras, terra, grama, bichos, gravetos, tento tudo. Estou com medo, não de ser devorada, mas de não poder dar o que ela realmente quer. De não saber. De não fazer. De não ser. A morte é fácil. O resto é bem mais difícil.

Atordoada, caio em desfalecimento, mergulho no inconsciente de forma nunca antes experimentada. No plano em que agora me encontro tudo é luminoso, tudo faz sentido, tudo se encaixa perfeitamente. Então ela vem até mim, com um ar de quem já viu tudo, com certa compaixão e com um olhar desconcertante. Ela fala: “— Não fiques com medo do Oculto. Tens muito a compartilhar também. Confie nisto.”

Sinto que estou no paraíso por tê-la encontrado. Não consigo descrever em palavras o que sinto de verdade. Eu sempre quis encontrá-la, sempre chamei por ela, e até tive medo algumas vezes ao sentir sua presença. Desta vez não estou com medo e quero ficar aqui. Mas ela lê meus pensamentos e gesticula que não posso. De repente, sorri e vai embora.

Parece que estou caindo de uma altura considerável... desperto, abro os olhos e estou no chão, deitada sobre a trilha entre árvores. A serpente segue ali, fitando-me com seu ar majestoso. Pela primeira vez na vida, sinto-me no meu lugar. Tranquilamente levanto e coloco-me em pé, imponente. Meus olhos miram a Serpente Dourada e meu coração vibra. Porque agora eu sei...



APRESENTAMOS O POEMA

POR FALAR EM BRUXAS

POR SELMA LUANNY



A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

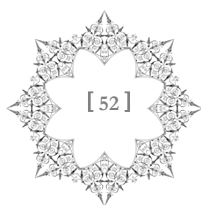
Não é preciso assistir,
basta meias-palavras ouvir...
As bruxas estão soltas...
disseminadas e articuladas.

Guerras sem justificativas
- nunca as têm - por
tóxicos desumanos
intoxicando... e vida tirando.

Falam em Deus, em nome
de Deus... rezam e doutrinas
pregam... sem os seus próprios
mandamentos, seguirem.

Visando pisar... dominar...
irmãos e o próximo... pesadelos
maquinando... Inimigos
imaginários, fabricando...

Num disforme mundo, este belo
planeta, reduzido. No cerne
sedimentados, sem juízo nem piedade,
amargor e rancor, milenares.



APRESENTAMOS O POEMA

TOLOS POR SELLMA LUANNY



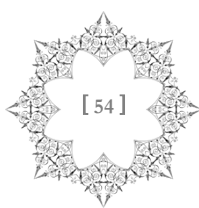
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Por que a falta de respeito?
Por que a atitude machista?
"Respeito é bom e eu gosto"
- dito popular, mas bem atual!

Você que me provocou
preste bastante atenção:
não mordo, não bato... ignoro...
mas não ultrapasse os limites...

se o fizer... prepare-se...
serei arma afiada...
mais que mulher, guerreira...
mais que guerreira, impiedosa.

Fique no seu lugar... vou
ignorá-lo... e o meu caminho,
com a cabeça erguida,
sem me desviar, seguirei!



APRESENTAMOS O POEMA

NUNCA DESAPARECEM

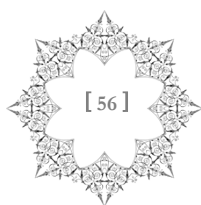
POR SELMA LUANNY



A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

A nós, circundam...
como a proteger a fonte...
Sem o consumo e o estímulo...
sem o mal que nos habita...
nada são!

Na mascarada fantasia
nós as permitimos...
De sombras futricas
inveja e desonra,
as elaboramos.



APRESENTAMOS
O POEMA
**IMPERDOÁVEIS BRUXOS EM
NÓS**
POR SELMA LUANNY



A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

Nem mais voz... mas abstraída presença...
Será que ainda têm, de si, consciência?

Ruídos normais não há... só triste ressonância.
Da já anunciada extinção, haverá redenção?

O fogo escapou... das descuidadas mãos.
Da sua fome, o quê vingará?

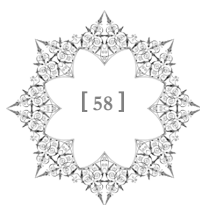
O ar, a água e o solo, à poluição se renderam.
Será que vamos conseguir seguir sãos?

A vida está perdendo o seu brilho.
O peso do ouro é maior que o belo.

Para "virar o jogo", atrasados estamos.
E o nosso mundo, à nossa vista, a ruir.

Para o firmamento, olhamos e pedimos:
Que algo nos salve de nós mesmos.

E o telefone ainda mudo...
Estendeu à voz, o atraso.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI